

## Um sargento enfurecido, no pior caso de polícia.

Um toca-fitas roubado de um automóvel, uma pedrada num cinegrafista (que não se feriu), um quase atropelamento à saída do corpo do presidente. Foram poucos, e pouco importantes, os casos policiais ocorridos em toda a zona Oeste, incluindo-se a região do Hospital das Clínicas, segundo o resumo do coronel Wilson Correa Leite, comandante do Policiamento Militar da área. "Essas coisas aconteceram desde à noite — explicava ontem cedo o coronel —, quando foi anunciada a morte do presidente, até agora" (momento em que o cortejo fúnebre deixava o Instituto do Coração).

O coronel Lecy José de Oliveira, da 2ª Seção d II Exército, coordenador do esquema de segurança do presidente durante o período em que ele esteve hospitalizado, explicava em seguida: "O papel do Exército, hoje, é promover a solenidade, a salva de tiros no aeroporto, as honras fúnebres".

A segurança, durante o trajeto do cortejo pelas avenidas Rebouças, Brasil, 23 de Maio e Ruben Berta, ficou com os quase 2.500 homens designados pela Polícia Militar. E foi um sargento da Polícia Militar, Antônio Carlos Beltrão, há anos a serviço do DSV (Departamento

do Sistema Viário) quem provocou o incidente mais grave de toda a gigantesca mas tranqüila última homenagem dos paulistanos ao presidente Tancredo Neves.

O incidente ocorreu exatamente em frente ao número 827 da avenida Moreira Guimarães (nome da avenida próxima ao aeroporto, em frente a TV Record). Em meio a milhares de pessoas que esperavam pelo cortejo, ouviram-se vários tiros. O sargento, arma em punho, ameaçava a todos, homens, mulheres, crianças e velhos.

Faltavam poucos minutos para o cortejo passar por volta das 10h15. Como fizeram desde que a comitiva deixou o Instituto do Coração, dezenas de motociclistas vinham acompanhando pouco a frente, sempre pelas pistas contrárias, na contramão, seguindo paralelos ao cortejo e aos populares a pé. Inesperadamente, encontraram um bloqueio imposto pelo sargento Beltrão e seus comandados, impedindo a passagem dali em diante. Os motociclistas insistiram, buzinando, mas parados. Um, mais afoito, resolveu passar. Passou. Por cima do pé do sargento, que não teve dúvidas: sacou o revólver e atirou contra o rapaz. Errou. Continuou atirando, mas o rapaz já sumira.



O sargento (à esquerda), de arma na mão.

Os populares mais próximos, assustados, pediam que ele parasse com os tiros, que ameaçavam a todos. Furioso, o sargento se voltou contra eles, com novos gritos e ameaças. Seus subordinados tentavam convencê-lo a guardar o revólver. Mas ele, nesta altura já com medo de ser linchado pela população enfurecida, resistia. E, mesmo quando levou o revólver ao coldre, continuou segurando-o, ameaçadoramente.

Chamadas por populares, duas Kombis da Operação Pólo da PM chegaram ao local, sem tomar, no entanto, qualquer atitude concreta no sentido de desarmá-lo. A repórter do JT, que também seguia o cortejo de moto, foi ameaçada: "Tira ela de cima de mim", gritava para os outros policiais, que pediam a sua identificação.

Finalmente, sentindo-se ele próprio ameaçado, o sargento resolveu entrar na Kombi da Operação Pólo de prefixo M-0177 (placa GY-1824), pedindo aos policiais: "Me tirem daqui". A perua tirou.

Mais tarde, por volta das onze da manhã, o Comando de Policiamento de trânsito ainda não tinha notícias do ocorrido. Mas, ao saberem, os comandantes passaram a procurar quem seria o sargento, até então não

identificado. Através de informações de uma testemunha, que contou vê-lo sempre policiando o trânsito em frente ao Colégio Dante Alighieri, em dez minutos o sargento foi reconhecido. Também através do CPT foi feito um contato com o II Batalhão da PM/Zona Sul, onde o sargento estava detido, respondendo a interrogatório. Agora, segundo o CPT, serão feitas averiguações e o sargento poderá ser punido até por contravenção penal e periclitado de vida, a ser responsabilizado disciplinar e criminalmente.

A atitude do sargento é ainda mais censurável na medida em que o coronel João Pessoa do Nascimento, comandante do policiamento da Capital, já previa a possibilidade, que realmente se concretizou, de o povo querer se aproximar mais do cortejo. "Tudo isso estava previsto. Sabíamos que todas as pessoas, emocionadas, iriam querer avançar. Como aconteceu tudo sem incidentes, não poderíamos jamais impedir essa despedida. Fazia parte do nosso esquema."

A preocupação do coronel era que o cortejo prosseguisse, ainda que chegando com algum atraso ao aeroporto. Foi o que aconteceu.